

bengala, quando marcha. Digna de respeito e agradecida simpatia uma mutilação sofrida no serviço da Ciência e da Cultura Portuguesa.»

MENDES CORREIA.

Homenagem a Ricardo Severo

No dia 2 de Junho de 1954 realizou-se na Sociedade de Geografia de Lisboa a inauguração dum busto de Ricardo Severo, oferecido àquela agremiação cultural pelos Portugueses de S. Paulo. Ocuparam-se da personalidade e labor do saudoso membro honorário da Sociedade Portuguesa de Antropologia os Srs. Dr. Nuno Simões, em nome dos ofertantes, embaixador Dr. Martinho Nobre de Melo, e o Prof. Mendes Corrêa, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e, simultâneamente, da nossa Sociedade, o qual proferiu o seguinte discurso:

«Na simplicidade intencional do acto que hoje aqui realizamos, há aspectos inevitavelmente grandiosos e de eloquente expressividade. Refiro-me aos significados que uma homenagem, mesmo singela, à memória insigne de Ricardo Severo reveste como manifestação de enraizado patriotismo, de fraternidade luso-brasileira, de apreço pelo valor moral, cultural e nobremente humano de vidas galhardamente consagradas, como foi a dele, a afanosas tarefas de préstimo colectivo e de clara elevação ideológica.

Fica bem uma cerimónia destas no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa, neste recinto em que a Pátria, a Cultura, o papel ecuménico de Portugal e da Verdade, são objecto de fervorosa devoção. Assim o entenderam aqueles excelentes patrícios que escolheram esta Casa para abrigar o documento material não só da figura física do ilustre fundador da *Portugália* mas também dum inapagável e justo tributo de reconhecimento e admiração em relação a quem, como bom português, tão dedicadamente se preocupou a um tempo com as longínquas raízes e com as luminosas perspectivas da gente lusitana, e a um tempo serviu, com dedicação igual, Portugal e o Brasil.

Vamos sendo cada vez em menor número os que ainda conhecemos pessoalmente Ricardo Severo e com ele mais ou menos convivemos. Por mim conheci-o primeiro através dos seus escritos, dos documentos variados que afinidades de estudo e de interesses mentais me foram proporcionando, sobre a sua perso-

nalidade e o seu labor, ainda através das impressões que o convívio com companheiros da sua juventude me ia facultando. Depois veio o contacto directo. Foi no Brasil em 1934 — há vinte anos — e esse contacto renovou-se, anos depois, no mesmo Brasil e por duas vezes em Portugal, nas últimas visitas que ele fez ao país em que nasceu, que foi berço e lar de seus antepassados e ao qual o ligaram sempre sentimentos de saudade e devoção, recordações vivas de mocidade, servindo-o mesmo quando constituiu família, acendeu o fogo dum novo lar, no Brasil, e ainda quando servia este como os melhores brasileiros. É que bem servir o Brasil, é bem servir Portugal.

Estou-me lembrando, a propósito, da satisfação com que numa nossa jornada automobilística de S. Paulo, em companhia de Álvaro Pinto, para a sua *Casa Portuguesa* da praia do Guarujá, ele era portador, para esta localidade, da notícia da concessão, pelo Governo do Estado, do estatuto municipal, de foros municipais, à mesma. A influência de Ricardo Severo manifestava-se até na criação dum novo município. Com razão, ninguém via nele um estranho às aspirações políticas locais. Como os portugueses doutroza que erguiam pelourinhos e fundavam Misericórdias em terras de além-mar, ele sentia, vivia, as necessidades e os anseios dos povos, e, sendo excelente português, era necessariamente excelente brasileiro.

A prova de que uma lúcida e vasta consciência étnica inspirava, além do labor cultural de Ricardo Severo, a sua vida quotidiana e os rumos das suas andanças pelo mundo, está no verdadeiro ubiquismo luso-brasileiro que transparece na sua biografia. De família nortenha, nasceu em Lisboa, tem a sua casa de família em Bagunte (Vila do Conde), faz o seu curso de engenharia no Porto (na antiga Academia Politécnica), funda na capital do norte a «Sociedade Carlos Ribeiro», a «Revista de Ciências Naturais e Sociais» e, mais tarde, a monumental «Portugália», constrói na rua que hoje tem o seu nome a bela casa portuguesa que actualmente pertence à família Pinto de Mesquita, anda por castros e citânias do Norte, interessa-se pelas escavações de Santos Rocha nos arredores da Figueira, faz uma primeira jornada ao Brasil para restabelecer ali no trabalho o equilíbrio dos seus bens afectados por encargos entre os quais avultavam as iniciativas culturais referidas. Chegado ao Rio e vendo cair em torno dele, com a febre amarela que então ali grassava, os companheiros de viagem, entende — como pitorescamente me contou — que fora ali para viver e não para morrer, e larga para S. Paulo, onde de princípio não encontra colocação, obtendo-a, porém, quando uns artigos nos jornais sobre as más condições

de Museus chamam para ele a atenção dum Ministro, volta a Portugal, em 1908 retira definitivamente para o Brasil, tendo-se fixado em S. Paulo, onde, como sócio de casa construtora de Ramos de Azevedo, participa no engrandecimento da magnífica urbe cujo centenário se está comemorando e em cujas celebrações a sessão de hoje se integra em perfeita lógica. Casara com uma senhora da família de Ramos de Azevedo e Santos Dumont, e dela teve muitos filhos que, em S. Paulo, mantêm distintamente a tradição paterna. Mas as suas actividades profissionais não o fazem esquecer as preocupações intelectuais e patrióticas da mocidade. Figura altamente representativa da colónia portuguesa no Brasil ele está e participa em todas as realizações culturais e patrióticas da colónia, mantendo sempre as tendências e ideais que manifestara na juventude. As celebrações camoneanas no Real Gabinete Português de Leitura têm quase sempre a sua presença e muitas vezes a sua colaboração.

Lá o encontro em 1934, quando da minha primeira estada no Brasil. Viamo-nos pela primeira vez e parecíamos logo velhos amigos, numa amizade que invariavelmente prosseguiu depois. Vou a S. Paulo, leva-me na sua companhia a Santos e à sua casa do Guarujá, saúda-me em nome dos nossos compatriotas num banquete do Clube Português de S. Paulo. Reli um destes dias o seu primoroso discurso naquele banquete oferecido a quem, como ele dizia, representava «a mensagem do velho Portugal ao novíssimo Brasil» e «duma geração que sucedeu àquela em cujo seio» ele se criara. Nesse discurso, à parte as palavras generosas com que me honrou, devo sublinhar dois aspectos: o da fidelidade ao ideal que o animara na sua empresa de «reivindicação tradicionalista em prol da grei portuguesa» e do reconhecimento de que a moderna escola antropológica portuense a que pertenceo, constitui a «geração sucedânea» que mantém o pendão que ele erguera e «o mantém com a energia feita de vontade, de fé e de espiritualidade que são — na sua expressão — as virtudes cardiais da alma duma Pátria, integrada entre um passado grandioso e um porvir de exponencial grandeza». Após bela evocação duma magnífica Atlântida luso-brasileira, Ricardo Severo concluía com enternecidas palavras de saudade e afeição dos Portugueses do Brasil para com o Portugal distante e para as Mães portuguesas.

*

* *

Em 1935 ele vinha visitar em Bagunte a sua veneranda Mãe e é nessa ocasião que a Sociedade Portuguesa de Antropologia

e Etnologia à qual ele oferecera a biblioteca da *Portugália* e os instrumentos antropométricos com que ele próprio trabalhara, o proclama seu sócio honorário, inaugura o seu retrato no Instituto Antropológico da Universidade do Porto e lhe oferece um almoço de homenagem em que se fez a evocação entusiástica da acção cultural e patriótica de Severo e dos seus companheiros da *Sociedade Carlos Ribeiro* e da *Portugália*. Já então tinham morrido muitos destes companheiros: Rocha Peixoto, Xavier Pinheiro, Fonseca Cardoso, José Fortes e — dos mais velhos que haviam apoiado o movimento — Venceslau de Lima, Basílio Teles, Júlio de Matos. Ao almoço referido assistiam o seu próprio irmão, um filho de Fonseca Cardoso, outro de José Fortes, alguns amigos de juventude, como o Prof. Carlos Lima. Ricardo Severo, agradecendo a homenagem, leu interessantíssimos e empolgantes trechos de Rocha Peixoto em que este descrevia o movimento, a sua história.

Ainda conheci pessoalmente Rocha Peixoto que era então director do Museu Municipal e da Biblioteca Pública do Porto, e naturalista de Mineralogia e Geologia na Academia Politécnica da mesma cidade. Ele ia muitas vezes à hora do almoço falar com meu Pai, que era vereador do pelouro daquele Museu e daquela Biblioteca. Recordo com saudade a sua conversa cintilante e salpicada de ironias e espirito. Eu era ainda criança mas não esqueci aquele homem, falecido tão prematuramente, em quem depois admirei o etnógrafo ilustre e que fora o mais próximo e permanente companheiro de Ricardo Severo. Também conheci Júlio de Matos, que foi meu inolvidável professor de psiquiatria, José Fortes que pacientemente me orientou nos primeiros passos da Arqueologia e Pré-história e na organização da secção correspondente do Museu Antropológico da Universidade do Porto, Venceslau de Lima, professor da Academia Politécnica, estadista da Monarquia, figura de grande elegância e distinção, conversador primoroso. Apenas conheci de vista e pelos seus escritos Basílio Teles. Da família de Fonseca Cardoso, o antropólogo colaborador de Severo, recebi o espólio científico daquele que falecera em Timor e cujos materiais científicos inéditos recolhidos em Angola e naquela ilha procurei publicar. Da gloriosa falange de intelectuais portugueses da *Sociedade Carlos Ribeiro* apenas sobrevive hoje o ilustre professor e historiador de arte Dr. João Barreira que deu a sua adesão escrita a esta homenagem ao seu companheiro de mocidade no Porto. Dirijo ao dr. João Barreira uma saudação calorosa desta Sociedade e de todos os que, de qualquer modo, estão com ela na presente manifestação à memória do chefe e animador dum belo movimento intelectual

para valorização das fontes mais puras e mais tónicas da consciência étnica do povo português. Iniciador, chefe e animador de tal movimento foi Ricardo Severo, mas é impossível desligar o seu nome duma plêiade em que refulgiram outros nomes ilustres nos mesmos domínios de estudo ou em domínios afins.

Também será para sempre impossível desligar o seu nome, esquecê-lo, no encadeamento luminoso de esforços vivificadores dum conceito da Nação não apenas instintivo, impreciso e sentimental, mas também, e sobretudo, intelectual, lógico, objectivo, concreto.

No discurso de agradecimento no almoço do Porto em Dezembro de 1935, Severo releu, como disse, umas páginas sugestivas e cintilantes do seu amigo e camarada Rocha Peixoto em que se historiava o movimento da «Sociedade Carlos Ribeiro» e, depois, da «Portugália». Aquela nascera em 1887, sendo colocada sob a égide do grande geólogo, a qual traduzia a índole simultaneamente naturalista e nacional da empresa que, sem dúvida sob o estímulo do Congresso Internacional de Antropologia de Lisboa em 1880 e do labor de Carlos Ribeiro e da Comissão Geológica, surgia dum pequeno núcleo de estudantes portugueses dos quais só o mais velho tinha já feito vinte anos! Que programa inteligente e levantado o desses moços que sonhavam com a renovação da jornada sebastianista de Marrocos, com a hegemonia, no Mediterrâneo, da Ibéria e da Itália, com um vasto e profundo plano de reconstituição nacional... Poucos anos depois começava a dispersão, mas em 1898 e até 1908 a «Portugália» vinha em moldes grandiosos que causavam a admiração e o respeito de estrangeiros ilustres, aglutinar de novo os esforços, para, ao fim dum decénio, outra vez se efectuar a dispersão. Emigraram uns, como Severo, morreram outros, como Rocha Peixoto. Mas a ideia, a intenção, não se sumira, a chama não se apagara. Como Severo me dizia em 1934 no Brasil e em 1935 no Porto, eram «continuadores desta obra profundamente nacional» a Sociedade Portuense de Antropologia, constituída em 1918. Eram-no, são-no, todos os que, por entre as tempestades, as hesitações ou as trevas subsequentes, mantêm viva a crença no valor da nossa história e a fé na alta e fulgurante realidade dos pátrios destinos!

*

* * *

O livro de Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* que saíra em 1884, pouco depois do Congresso Antropológico de Lisboa, marcara inegavelmente, como, mais

tarde, por exemplo, as *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos, uma fase de renovação no esclarecimento e no fortalecimento das mais remotas raízes portuguesas.

Um dos primeiros trabalhos de Ricardo Severo, na Sociedade Carlos Ribeiro, é a elaboração dum resumo da obra de Cartailhac no que respeita à *Paletnologia Portuguesa*. Ao resumo acrescenta já os resultados das primeiras investigações próprias, entre as quais são de destacar as que efectuou na *Cividade* ou citânia de Bagunte, vizinha da quinta minhota de sua família.

Depois, é uma sucessão de estudos, notícias, análises, quer na «Revista de Ciências Naturais e Sociais», da Sociedade de Carlos Ribeiro, quer, mais tarde, na «Portugália». Descreve tesouros e jóias pré-históricas, estuda, só ou em colaboração com Fonseca Cardoso, esqueletos antigos como os dos arredores da Figueira ou de cemitérios modernos, como o ossuário de Ferreiró. Martins Sarmento, o grande arqueólogo vimaranense, vinha dar o seu contributo ao 1.º número da «Portugália», cujas páginas eram facultadas aos estudiosos espanhóis que davam notícia das maravilhosas pinturas da caverna de Altamira, e aos sacerdotes transmontanos Brenha e Rodrigues que, com comentário criterioso de Ricardo Severo, descreviam as vastas necrópoles dolménicas e os estranhos achados protoibéricos da Serra do Alvão.

No Brasil Ricardo Severo mantinha até ao fim a sua orientação doutrinária dos anos da juventude. O trabalho profissional, a sua participação em múltiplas actividades da metrópole paulista, não o desviavam da sua fé juvenil. Nem esta nem o seu patriotismo, o seu lusitanismo de raiz, sofriam desvio com o afecto ao Brasil, com o seu entranhado interesse pela grandeza e glória brasileiras. E porquê haviam de sofrer? Portugal é um encadeamento magnífico que vem de longes eras e se projecta vitoriosamente num porvir sem fim. As triunfais realidades brasileiras de ontem, de hoje e de sempre, são-nos tão queridas, alegram-nos tanto como as nossas próprias. Se vive e palpita no Brasil tanto da alma e do sangue de Portugal!...

Sobre a minha mesa de trabalho está uma linda pasta de madeira sobre a qual escrevo e que me deu Ricardo Severo em 1934 recordando uma visita ao Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo, de que era director. Em embutidos de madeiras brasileiras, está no centro da face superior da pasta a carta do Brasil com os seus Estados em madeiras de diferentes cores, e, aos lados, estão, em posição simétrica, uma paisagem de Ouro Preto com uma velha igreja de estilo português e, do lado oposto, a apoteótica baía de Guanabara, com o Pão d'Áçúcar.

O grande português, com o seu lusitanismo ingénito e imutável, não encontrou melhor lembrança para me ofertar do que tão expressiva evocação do Brasil, da sua geografia, da sua grandeza, do seu passado, dos seus artífices, das virtualidades marcadas de duas paisagens cheias de simbolismo. O grande português queria que eu, lusitanista como ele, recordasse, na minha actividade de modesto trabalhador intelectual, a todas as horas, o Brasil, as suas perspectivas riosas e magníficas. Não era precisa para me ligar afectuosa, enternecida, entusiasticamente ao Brasil, essa companhia visual, material, de vinte anos da minha vida. Mas são de registar o significado e a intenção da oferta, como mais um testemunho de quanto em Ricardo Severo se associavam o afecto dedicado pelo Brasil e o seu lusitanismo inflexível, intrínseco, fundamental.

*

* *

Não perturba a justiça das minhas considerações a recordação enternecida da gentileza quase paternal com que Ricardo Severo me tratou, da generosidade das suas palavras e das suas deferências. Estou lembrando como em 1937, enquanto no Rio eu aguardava o paquete que me traria para Portugal, ele me veio decididamente buscar ao Hotel Glória impondo-me que o acompanhasse para a sua casa de S. Paulo, pois se haviam espalhado boatos de alteração da ordem pública — que se não confirmariam — e ele queria-me a seu lado, junto de si e dos seus, numa hora que se previa perturbada. Bom e saudoso amigo!

Em 1935, Severo acompanhou-me, a meu convite, no Porto, numa ascensão à acrópole do Corpo da Guarda, outrora chamada da Cidade, onde eu por entre casario moderno e perto da Sé pudera localizar sobre documentos o *oppidum* ou castro pré-romano, luso-calaico, precursor da futura Portucale, do aglomerado urbano portuense. A escalada foi algo rápida e violenta e ambos estávamos um tanto ofegantes. No alto, verificando-o, ele exclamou: — «Você também sopra!». Era verdade, mas a Providência já há muito o levou a ele para paragens de que se não volta, senão, como agora ele próprio, evocado com justiça por admiradores que comungam no seu lusitanismo puro e vivificador de fecundas energias nacionais. Eu ainda aqui estou, mercê de Deus, a glorificá-lo, com todos os presentes, com a representação diplomática do Brasil, com os portugueses de S. Paulo, com a palavra elevada e eloquente de Nuno Simões e Nobre de Melo, com a evocação, através duma leitura pelo grande poeta Ramiro Guedes de Campos, do apreço que lhe testemunhava outro insigne

português, também desaparecido, Carlos Malheiro Dias. Aqui fica em lugar de honra, nesta Sociedade em que têm culto permanente o estudo e a Pátria, aqui fica na galeria das mais ínclitas figuras nacionais, o busto que o talento artístico do saudoso Pinto do Couto modelou e que os bons Portugueses de S. Paulo nos ofereceram, de Alguém que foi filho extremoso, chefe de família exemplar, colector notável dos mais vetustos pergaminhos da glória lusitana, realizador, em Portugal e Brasil, dum labor estruturalmente nacional, paladino da reintegração dos Portugueses na linha ascensional do glorioso destino traçado por uma vocação milenária, pelos imperativos da terra e do espírito, pelo sentir e pela vontade das gerações.»

MENDES CORREIA.